

Álvaro Vasconcelos: Amizade Antiga

Álvaro Vasconcelos: An Old Friendship

Guilherme d'Oliveira Martins

Centro Nacional de Cultura

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7807-0269>

Resumo

A democracia é um sistema de valores centrado no respeito pela dignidade humana – com todas as suas consequências. Os tempos evoluíram, o otimismo de Samuel Huntington, ao dizer que a terceira vaga das democracias se iniciou com a Revolução portuguesa de 1974, voltou a desvanecer-se nos últimos anos com a redução do número de Estados democráticos, mas a determinação dos defensores dos direitos humanos não perdeu entusiasmo. Daí a necessidade de mobilizarmos novas vontades.

Palavras-chave: democracia; direitos humanos; amizade.

Abstract

Democracy is a system of values centred on respect for human dignity – with all its consequences. Times have moved on, and the optimism of Samuel Huntington's optimism that the third wave of democracies began with the Portuguese 1974, has faded again in recent years with the reduction in the number of democratic states. number of democratic states, but the determination of human rights defenders has not lost its enthusiasm. human rights defenders has not lost enthusiasm. Hence the need to mobilise new wills

Keywords: democracy; human rights; frie.

Conheci Álvaro Vasconcelos como homem de causas, com uma coerência inabalável. E assim nos tornámos amigos. Escolho a palavra inabalável propositadamente, uma vez que nos encontramos em múltiplas situações, e em todas elas havia um denominador comum: a defesa dos direitos humanos fundamentais. E a coerência tem a ver com o facto de, em circunstâncias históricas diferentes, haver uma mesma linha de ação – a defesa do Estado de Direito, a necessidade de salvaguardar o pluralismo e a liberdade de pensamento, únicos modos de criar uma sociedade baseada no humanismo universalista. Não julgo enganar-me ao lembrar que nos conhecemos em novembro de 1975 e nunca mais deixámos de nos encontrar.

Ainda há dias recordava nos anos 90, em São Paulo, no Brasil, a realização do primeiro Forum Euro-Latino-Americano. Foi um tempo de questões essenciais. As Comunidades Europeias, por um lado, e o Mercosul, por outro, além da compreensão da solidariedade atlântica, aproximavam-nos no que designámos como Integração Aberta. E o que estava em causa não eram ideias formais, mas o necessário alargamento da democracia política, económica, social e cultural. A concretização do Plano Real, lançado por Fernando Henrique Cardoso, e a afirmação internacional do primado da lei e da legitimidade democrática no mundo representavam condições concretas para articular a paz, a justiça, a liberdade e o desenvolvimento. E vêm à memória mil lembranças: conferências, encontros, debates. Logo após a Queda do Muro de Berlim, a experiência portuguesa serviu de exemplo para as jovens democracias que despontavam.

Estivemos juntos em Praga para defender os direitos humanos e as instituições democráticas, pois havia que encontrar boas práticas e métodos de respeito e tolerância. E Álvaro sempre soube ligar os princípios à vida do dia a dia. A democracia não pressupõe abstrações, mas atos concretos suscetíveis de se traduzirem em consequências positivas.

A democracia é um sistema de valores centrado no respeito pela dignidade humana – com todas as suas consequências. Os tempos evoluíram, o otimismo de Samuel Huntington, ao dizer que a terceira vaga das democracias se iniciou com a Revolução portuguesa de 1974, voltou a desvanecer-se nos últimos anos com a redução do número de Estados democráticos, mas a determinação dos defensores dos direitos humanos não perdeu entusiasmo. Daí a necessidade de mobilizarmos novas vontades.

O Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais (IEEI) e as Conferências de Lisboa constituíram casos exemplares de civismo democrático, animados por Álvaro Vasconcelos. E hoje todo esse manancial de ideias está disponível para que os estudiosos e os defensores de uma cultura de paz possam continuar a alimentar as suas causas com o rigor dos debates, das reflexões e dos acontecimentos. De facto, para os militantes dos direitos humanos e dos direitos dos povos soberanos, a memória deve ser preservada pela reflexão, pelo estudo, pelo diálogo, pela troca de ideias e, sobretudo, pela consideração do respeito mútuo e da igual consideração por todos. De facto, a democracia só se fortalece através da memória, não como ilusão, mas como vivência dos valores éticos da liberdade e da responsabilidade.

Sem ressentimentos nem a invocação de culpas pretéritas em que não participámos, do que se trata é de garantir nos dias de hoje a dignidade de todos. Como disse o nosso saudoso amigo Eduardo Lourenço, não somos nem melhores nem piores do que

outros, necessitando de compreender quem somos e de tirar o melhor partido de quem somos e da necessidade de sermos melhores. Com grande coragem, as memórias de Álvaro Vasconcelos trazem-nos apelos concretos sobre a necessidade de construirmos uma sociedade respeitadora dos direitos fundamentais, aqui e agora. Temos de ser rigorosos quanto ao passado e os seus erros, mas devemos tirar consequências hoje sobre não poder repetir-se a indiferença, a cumplicidade ou a hipocrisia em relação à democracia e ao Estado de Direito. Todos os seres humanos nascem e devem viver livres e iguais em dignidade de direitos.

O rigor histórico obriga-nos a não iludirmos a verdade dos acontecimentos pretéritos e das injustiças cometidas, do mesmo modo que o fundamental está na exigência de lançarmos as bases de uma sociedade em que o desenvolvimento humano garanta o equilíbrio entre a livre iniciativa, a solidariedade humana, a sustentabilidade económica, social, ambiental e cultural, a cooperação e o respeito mútuo.

E lembro o que dissemos, no âmbito do Forum Euro-Latino-Americano, de boa memória: “Os projetos de integração que até hoje se afirmaram são os que correspondem ao conceito de integração aberta, tal como definido nos trabalhos do Forum. Assentam em sociedades plurais, defendem os valores da democracia política, da diversidade cultural e religiosa, da livre concorrência, da participação dos cidadãos, do associativismo e da soberania partilhada, projetando e provendo estes valores nas suas relações externas”. A democracia, no sentido da paz de Kant, necessita do multilateralismo e do multirregionalismo. E este combate pacífico prossegue, continuando todos nós a contar com o entusiasmo, o empenho, as ideias e a determinação inabalável do nosso amigo Álvaro Vasconcelos.

